

## TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO QUALITATIVO SOBRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE JOVENS DA ROCINHA

### INFORMATION TECHNOLOGIES IN FUNDAMENTAL EDUCATION: A QUALITATIVE STUDY ABOUT THE CONSTRUCTION OF YOUTH IDENTITY AT ROCINHA

Alfeu Olival Barreto Junior\*  
Cleonice Puggian\*\*  
Idemburgo Pereira Frazão Félix\*\*\*

#### Resumo

Este artigo apresenta os resultados de um estudo sobre a participação das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na constituição identitária de jovens moradores da comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro. Examina, especialmente, como estes alunos utilizam as tecnologias e as empregam na construção do sentido de lugar. Os participantes do estudo foram adolescentes de uma turma do nono ano de uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro. A metodologia adotada foi qualitativa, de abordagem etnográfica, com um viés participante e colaborativo. Resultados indicam que as TIC fazem parte realidade do jovem, revelando a existência de um *continuum* entre os espaços de interação e comunicação, hibridizando o real e o virtual. Nas redes sociais os jovens ampliam as relações com círculos sociais já existentes, construindo identidades fluidas e diversas. Conclui-se que o ensino, tanto das ciências humanas, como naturais, deve considerar as alterações recentes nas identidades e culturas juvenis, buscando metodologias e abordagens pedagógicas que sejam consoantes com seus múltiplos espaços de vivência.

**Palavras-chave:** Juventude. Tecnologias. Identidade. Educação.

#### Abstract

This paper presents the results of a qualitative study on the contributions of information and communication technologies (ICT) for the construction of young people's identity at the community of Rocinha, in Rio de Janeiro. It examines how students use technologies for the construction of their sense of place. Research participants were teenagers in the ninth year of a public school in Rio de Janeiro. The methodology was qualitative, with an ethnographic, collaborative and participant approach. Results indicate that ICTs are part of the young people's reality, revealing the existence of a *continuum* of interaction and communication, hybridizing real and virtual spaces. Young people in social networks expand relationships of existing social circles, building fluid and multiple identities. Conclusions indicate that the teaching, both in human and natural sciences, must consider recent changes in youth cultures and identities, seeking methodologies and pedagogical approaches that are consonant with their multiples living spaces.

**Keywords :** Youth. Technologies. Identity. Education.

---

\* Colégio Militar do Rio de Janeiro.

\*\* UNIGRANRIO e UERJ

\*\*\* UNIGRANRIO

Até o advento das tecnologias de comunicação e informação (TIC) as relações interpessoais diretas se constituíam como o principal elemento mediador entre indivíduos na aquisição ou produção de informações/conhecimentos, na troca de experiências pessoais e, por fim, na própria construção identitária de cada pessoa. Os correios e a telefonia complementavam esta mediação a longa distância. As chamadas mídias tradicionais (rádio, televisão e imprensa) exerciam também um importante papel no acesso a informações. Já as TIC, melhor entendidas como um conjunto de sistemas de comunicação, tecnologias e redes integradas que se convergem, se constituem como outro elemento mediador fundamental entre indivíduos, empresas e instituições, num movimento de mão dupla (LÉVY, 2001; CASTELLS, 1999). Elas estabelecem um novo ambiente relacional que pode ser denominado como “espaço tecnológico” ou “meio técnico-científico-informacional” (SANTOS, 1997). O computador pessoal e equipamentos móveis inteligentes, como *tablets* e *smartphones* com acesso à internet, representam a materialidade das TIC no cotidiano dos indivíduos.

Este artigo é baseado nos resultados de uma pesquisa de cunho qualitativo e colaborativo e com uma abordagem etnográfica, realizada com alunos do nono ano do ensino fundamental de uma escola pública, residentes da comunidade da Rocinha (município do Rio de Janeiro). No conjunto das atividades propostas aos mesmos foram produzidas informações detalhadas sobre a participação das tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano a fim de explorar sua influência em duas importantes vertentes na construção identitária dos jovens: o sentido de lugar e a cultura juvenil. Os dados foram coletados junto aos alunos por meio de observações diretas e de entrevistas individuais presenciais e não presenciais (questionários *on line* com o uso da plataforma *Survey Monkey*) e da produção de um portfólio digital individual.

A necessidade desta pesquisa de explorar a participação das TIC na formação identitária desses jovens ocorreu em função de uma série de constatações sobre a crescente utilização dos equipamentos móveis inteligentes e dos computadores no cotidiano desses indivíduos. Uma matéria da Folha de São Paulo, de 27/01/2014 e baseada na pesquisa feita pela empresa de cibersegurança AVG a partir de 5.423 entrevistas *on line* com pais de nove países incluindo o Brasil, além de dados do IBGE, revelou que cerca de 49,1% dos brasileiros com dez anos ou mais, ou 86 milhões de pessoas, usam a internet (IBGE) e neste universo, a proporção do uso de internet por crianças cujos pais usam a rede é de 97%, número acima da média dos outros países pesquisados pela empresa, que é de 89%. Em relação ao acesso às redes sociais na *internet*, a presença desses jovens no *Facebook*, a taxa brasileira, de 54%, é mais que o triplo da dos demais (16%) e nove vezes superior à da Austrália.

Completando o quadro acima, uma pesquisa encomendada pela Motorola (2010) aponta que de cada dez brasileiros, oito têm celular. Este aparelho já ocupa a posição de objeto mais importante na vida de 85% dos jovens, estando à frente dos Estados Unidos e da Inglaterra. Por sua vez, a publicação “Geração Interativa na Ibero-América” (2007/2008), a partir de uma pesquisa realizada no Brasil com 790 crianças de seis a nove anos e 3.415 jovens de dez a dezoito anos, reportou que oito em cada dez crianças, assim como 95% dos jovens, são internautas. O estudo destacou também que 40% das crianças e 81% dos jovens navegam sozinhos. Também é reconhecido que a aquisição de aparelhos celulares e de computadores com acesso à internet vem deixando de ser privilégio de uma pequena parcela da população com renda elevada (NICOLACI-DA-COSTA, 2001).

No intuito de embasar teoricamente o conceito de lugar e a questão da construção identitária dos jovens, buscou-se um olhar interdisciplinar. Entende-se que esta construção tem como substrato a maneira como o indivíduo se relaciona com o seu “espaço” de vivência, nas suas diferentes escalas.

“Lugar” está intimamente associada à ideia de “espaço”. A geógrafa Doreen Massey, por exemplo, a define como “produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão global até o intimamente pequeno” (MASSEY, 2009, p. 29), colocada também como “esfera da possibilidade de existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, na qual distintas trajetórias coexistem” (MASSEY, 2009, p. 29) e estando sempre em construção. Portanto, para esta autora, o espaço é um conceito aberto, inacabado, onde não há nada dado de forma definitiva. Trata-se de reconhecer a coexistência de pessoas com trajetórias históricas próprias; trajetórias que se cruzam, se conectam e se desconectam, formando assim o espaço a partir dessas relações. Se o espaço é produto de inter-relações, então isto deve implicar na existência da pluralidade. Pode-se inferir que as TIC tem um importante papel nas múltiplas interações que o indivíduo estabelece na sua contemporaneidade com o mundo que o cerca.

Massey (2009) acrescenta que o “espaço” permite a construção das identidades, constituindo-se como palco privilegiado onde ocorrem as interligações, de modo que nada pode ser inflexível: “o espaço não existe antes de identidades/entidades e de suas relações” (MASSEY, 2009, p. 30).

Uma vez estabelecida uma relação de identificação do indivíduo com o espaço, o mesmo espaço torna-se “lugar” (TUAN, 1983). Este conceito envolve “características mais subjetivas, na relação dos homens com seu espaço,” (HAESBAERT, 2011, p. 137), como um “espaço de estabilidade”. Tuan (1983) relata que espaço e lugar são termos familiares que indicam

experiências comuns: “Vivemos no espaço. (...) O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 1983, p. 3). Desta forma, valoriza-se o caráter experiencial da relação do indivíduo com o espaço, pois, na experiência, “o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6). “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam” (BOFF, 1997, p.9), explica Leonardo Boff ao comentar sobre as diferentes leituras que cada indivíduo faz de seu próprio mundo a partir de suas experiências pessoais.

A busca pela identidade é uma preocupação que perpassa a vida de todos os seres humanos em qualquer sociedade. Mas é na sociedade moderna que ela se traduz numa questão que pode levar o indivíduo ao seu próprio limite enquanto ser pensante. Segundo o teórico cultural Stuart Hall, “a época moderna fez surgir um forma nova de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2001, p. 24 e 25) e completa que “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2001, p. 39). Ele entende que a identidade é um processo inconsciente de um constante preenchimento de uma falta de inteireza que existe no nosso interior, a partir do nosso exterior e pelas formas como somos imaginados pelos outros, ao longo de toda vida.

Dessa forma, a construção identitária é um processo de constante reinvenção do ser humano frente às transformações do mundo. Compreender, portanto, como este processo ocorre na vida dos jovens se revela nesta pesquisa como uma tarefa bastante desafiadora. Isto decorre do fato de estarmos diante de uma curta trajetória de vida de um indivíduo a ser observada entre a infância e a vida adulta.

Nessa pesquisa coube explorar o sentido da palavra “jovem” e da expressão “cultura juvenil”, tão em voga nas diversas mídias, nos discursos oficiais e na literatura acadêmica, a fim de circunscrever o universo social e cultural dos sujeitos em questão. Os pesquisadores Catani e Gilioli (2004) entendem que não há uma única conceituação do que venha a ser juventude ou cultura juvenil na sociedade contemporânea, sendo que cada tipologia depende das condições sociais e históricas concretas na qual ela se manifesta. Assim, a preocupação ou a constatação dessa possível camada social ocorre no contexto da urbanização da sociedade capitalista na qual esta “adquiriu relevo na esfera do consumo e da indústria cultural, em que o avanço técnico e a expansão dos meios de comunicação contribuíram para incorporar os jovens como protagonistas nos mercados da moda, da música e do esporte, entre outros” (CATANI; GILIOLI, 2004. p.11).

Estes autores ressaltam o perigo de englobar diferentes posicionamentos, expressões e condições juvenis em rótulos generalizantes e estereotipados, uma vez que “os jovens são capazes de produzir uma cultura autônoma, que não apenas imita o mundo adulto e as instituições tradicionais (...), mas articula estas últimas de acordo com parâmetros próprios, configurando novas formas de cultura” (CATANI; GILIOLI, 2004, p. 16). Isto se manifesta através da formação de diversos grupos de diferentes estilos, que assumem identidades próprias (as chamadas “tribos”), muitas vezes rotuladas de “funkeiros”, “patricinhas”, “skinheads”, ou manifestações culturais e/ou sociais de cunho mais organizado politicamente, como o conjunto *Afro Reggae*, em comunidades populares da cidade do Rio de Janeiro. Do ponto de vista individual, esses grupos permitiriam gerar oportunidades para o jovem de lazer e de socialização fora da esfera das instituições tradicionais (família, escola e trabalho), criando condições para diversas formas de vivências da condição juvenil, desde as periferias até as classes privilegiadas.

No cotidiano do jovem, a presença exacerbada da conectividade no meio técnico-científico-informacional poderia criar situações de uma perda da identidade assim como da construção do sentido de lugar (RIZZINI, PEREIRA e ZAMORA, 2005), num processo contínuo de “desterritorialização” ou “deslocalização” (CANCLINI, 2009; FERREIRA, 2000), o que geraria um descomprometimento com o espaço e as pessoas que o cerca. Martín-Barbero (2009) relativiza esta questão num estudo sobre as consequências da urbanização “acelerada” e “globalizada” verificada nas sociedades latino-americanas, particularmente na juventude, uma vez que

os efeitos de “desterritorialização cultural” implicados nesse duplo processo afetam não somente os latino-americanos que têm de emigrar do país ou da região, como também os que permanecem em nossas superpopulosas cidades e em nossos empobrecidos campos. São as majoritárias “culturas urbanas” que terminam desancoradas, desestabilizadas e também resituadas, realocizadas (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.156-157).

Martín-Barbero (2009) ainda pondera que essa “ressituação” pode subverter a nova ordem e, do ponto de vista da formação de uma cultura de resistência, ao concluir que,

se por um lado a revolução tecnológica das comunicações agrava a desigualdade entre setores sociais e entre culturas e países, por outro lado também mobiliza a “imaginação social” das coletividades, potencializando suas capacidades de sobrevivência e de associação, de protesto e de participação democrática, de defesa de seus direitos sociopolíticos e culturais e de ativação de sua criatividade expressiva. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.154).

Percebe-se, portanto, a necessidade de observar com mais atenção a forma como o jovem das camadas populares se percebe nesse contexto, onde a exclusão no modelo de sociedade vigente é mais evidente. A valorização da cultura juvenil como um produto social torna-se fundamental frente às tentativas de apropriação do mercado desta forma identitária.

Catani e Gilioli (2004) entendem que as “tribos” ou “estilos” criados nos morros, nas comunidades populares, têm um significado importante para este jovem “como condição para autonomia e liberdade em relação à família” (CATANI e GILIOLI, 2004, p.67).

O escritor e cientista social Steven Johnson nos coloca que “a história do urbanismo também é a história de mais signos mudos, construídos pelo comportamento coletivo de grupos menores e raramente detectados por intrusos” (JOHNSON, 2003, p.30). É aí que procuramos desvendar, no contexto da cultura juvenil, em que medida as suas diversas matizes ou “tribos” não são apenas meras cópias da indústria cultural hegemônica. Nessa tentativa de capturar os “signos mudos” da cidade, Alzamora, Alencar e Melo (2009) completam que

a cidade contemporânea se revela nas fissuras, nas contaminações, formando uma trama que pode ser tomada como um novelo sem ponto de origem e sem ponto de chegada. (...) No entanto, a despeito de reconhecermos a desigualdade social, a injustiça social e as variâncias de oportunidades, a cidade contemporânea subverte a organização dos muros e tem sua diversidade revelada não geograficamente, mas nas malhas, nos poros em funcionamento da cidade. (...) Nesse cenário surgem diversas e inusitadas formas de interação social tecnologicamente medidas que, de certo modo, ressignificam as experiências cidadinas (ALZAMORA; ALENCAR; MELO, 2009, p. 79-80).

A busca por esses símbolos pode ser exemplificada a partir de uma experiência realizada por essas autoras em São Paulo. Nesta cidade, motoboys capturam fragmentos do cotidiano a partir de recursos tecnológicos como a máquina fotográfica digital de seus aparelhos celulares. As fotos são postadas em um blog (projeto Canal Motoboy) e, a partir dali, são escritas suas impressões. Em fóruns desse mesmo blog ocorrem desdobramentos de suas falas. Segundo elas, essas impressões postadas num rico banco de dados, constituem uma memória coletiva que, “composta de signos fugazes e heteróclitos, (...) anuncia, para além de uma inflação simbólica, uma cidade que se revela em camadas e a possibilidade de apresentá-la em variadas poéticas da observação” (ALZAMORA; ALENCAR; MELO, 2009, p. 81). Essa pesquisa demonstra uma das diversas possibilidades do registro da fala do jovem como uma forma de discurso e midiatisadas pelas máquinas fotográficas digitais e aparelhos celulares, assim como pelos blogs e redes sociais, mesmo que este processo se dê, aparentemente, de forma impessoal e fragmentada na visão do pesquisador.

Essas novas formas de verbalização ou comunicação de opiniões e visões de mundo, midiatisadas pelas tecnologias de informação e comunicação, têm reflexos na vida prática do indivíduo, além de implicações políticas importantes na sociedade, sobre os quais Canclini (2009) observa que:

A fascinação pelo acesso e os intercâmbios ganham da memória e da projeção para o futuro. Como consequência, diminui o papel da institucionalidade organizada pela primeira modernidade – as escolas, os partidos políticos, a

organização legal e a continuidade do espaço público – em benefício dos arranjos transitórios, da apropriação flexível de recursos heterogêneos no mercado de trabalho e nos consumos (CANCLINI, 2009, p.150).

É possível, portanto, apontar que existem possibilidades de descoberta de autênticas formas de expressão cultural juvenil. Isto pode se proceder a partir de um mapeamento sobre a apropriação flexível pelo indivíduo de todos os recursos tecnológicos disponíveis, e a posterior análise da “recombinação” e “ressignificação” das diversas fontes de informações e impressões advindas do próprio local onde esse jovem vive (ALMEIDA; NAKANO, 2011), quanto daquelas proporcionadas pela rede global informacional (produzidas pela indústria cultural ou dadas pelas manifestações culturais mais genuínas de outros indivíduos ou comunidades), além dos registros pessoais que este executa através da fotografia digital e das composições escritas e compartilhadas nos blogs e redes sociais. Pierre Levy ressalta o papel da cibercultura neste processo completando que:

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato. (LEVY, 1999, p. 130).

A mediação da realidade através das tecnologias de informação e comunicação - nas redes sociais, nos sites musicais e de vídeos - cria um enorme fluxo de informação e discursos que poderia ser rotulado, de forma conservadora ou simplista, como uma imposição cultural “estrangeira” sobre o jovem brasileiro, realizada de forma “reciclada”, revestida de modernidade tecnológica.

Na verdade, ao entender a mediação, no contexto da conectividade, como um fluxo, como uma via de mão dupla, não ocorre necessariamente a neutralização ou a eliminação do caráter territorial das diversas formas de expressão cultural produzidas pelas “juventudes” brasileiras. Nossos jovens, ao contrário, conferem novos sentidos, novas identidades, com a ressignificação das diversas influências as quais estão sujeitos ou com as quais interagem, mesmo que de forma fragmentada e descontínua, ao construir suas visões de mundo a partir do local em “conexão” com o global.

A pesquisa a qual se refere este artigo, observou realidades bastante semelhantes ao quadro teórico apresentado até aqui, ao mesmo tempo em que desvelou estereótipos a respeito dos jovens moradores de comunidades populares.

As entrevistas junto aos alunos, num primeiro momento, procuraram obter dados individuais sobre seus perfis socioeconômicos, assim como de seus hábitos cotidianos. A forma de aproveitarem o tempo livre, por exemplo, está muito associada à presença das tecnologias de informação e comunicação e das mídias tradicionais (rádio e televisão): 88,9% as utilizam para ouvir música e 83,3% para navegar na internet. As atividades sociais seguem logo depois, onde 66,7% visitam amigos ou parentes, 61,1% frequentam a praia e 33% vão à igreja ou templo. O lazer em outros espaços fora da comunidade ocupa o terceiro lugar: ir ao shopping (44,4%), ao cinema (38,9%) e ao teatro (16,7%).

Os dados coletados também desafiaram visões do senso comum sobre moradores de comunidades populares como a Rocinha. Uma delas é a de que os todos jovens frequentam bailes funk (apenas 5,6% diz gostar de participar). Outro estereótipo, é a ideia de que esses jovens estão alheios ao esporte em função da precarização do espaço que habitam ou por falta de incentivo. Nesta pesquisa 77,8% dos alunos revelaram que praticam esportes. Vários deles relataram que participam de clubes de remo na Lagoa Rodrigo de Freitas, que praticam natação no Complexo Esportivo da Rocinha ou que jogam bola na praia ou nas quadras do Aterro do Flamengo, além daqueles que são skatistas.

Verificou-se ainda que a maioria possui livros em casa e que todos tem posse de computadores, sejam eles de uso familiares ou pessoal. Embora a forma como se dá a leitura desses livros não pode ser aprofundada nesta pesquisa, concluiu-se, por meio das entrevistas, que a escrita ocorre em grande parte nos textos ou mensagens feitas via computador ou smartphones. Alguns alunos afirmaram que gostam de se expressar graficamente através da grafiteagem.

O segundo momento das entrevistas teve como objetivo observar a participação das tecnologias de informação e comunicação na vida dos sujeitos. Todos afirmam terem condições de acesso à internet, onde a maioria diz pagar pelo serviço. A qualidade de provedores legais ou não (os chamados “gatos”) não quis ser revelada pelos mesmos. A maioria dos meninos frequentam lan houses para jogar, os quais constituem ambientes onde eles se sentem mais à vontade e próximos a seus pares. Verificou-se que no uso da “navegação” on line, os alunos dizem acessar a internet todos os dias. Já o tempo dedicado à navegação varia muito, sendo que boa parte fica até três horas diante do monitor.

Associado ao forte hábito de escreverem/digitarem on line ou de participarem de chats, observou-se o acesso diário nas redes sociais. São poucos os que acessam blogs. Apenas um aluno afirmou possuir seu próprio blog.

Os sujeitos deste estudo demonstraram também que o smartphone é uma importante ferramenta de comunicação e lazer em suas vidas. Em função do baixo poder aquisitivo da

maioria, somente alguns possuem planos de assinatura que permitem telefonar e “navegar” na internet ilimitadamente. Assim, o meio mais comum de fazerem contato com amigos e familiares é através de “torpedos” (mensagens de texto) por representarem um custo menor ou de navegarem na internet através do uso das redes sem fio (wi-fi) presentes na escola e na própria comunidade, recentemente instalada pelo poder público. O smartphone também é muito utilizado para ouvir música (mp3 ou rádio), acessar jogos eletrônicos e registrar fotos ou vídeos digitais produzidos por eles. Ao terem, posteriormente, acesso à internet, é rotineiro o hábito de postarem esses registros em suas páginas pessoais das redes sociais ou em álbuns digitais de sites armazenamento em “nuvem”, sem a necessidade de “salvá-los” fisicamente em um HD (disco rígido) ou pendrive. Isto permite maior flexibilidade e liberdade ao jovem para fazer o uso que desejar desses registros, longe do controle de seus pais ou responsáveis.

Ao serem questionados sobre os sites que acessam com mais frequência, todos relataram que utilizam, em primeiro lugar, as redes sociais. A mais acessada é o Facebook. Esta rede social, a qual superou recentemente o Orkut, o MSN e o Twitter em número de usuários, permite ao jovem num único ambiente virtual “conversar” em um chat on line (espaço de bate-papo), criar um álbum de fotos digitais, participar de comunidades temáticas e produzir uma espécie de diário, mural ou mini blog, na qual o indivíduo publica/posta fotos, vídeos, links de outros sites, textos e depoimentos pessoais que podem ser visualizados por seus amigos e/ou pelo público em geral, de acordo com as configurações de privacidade estabelecidas pelo usuário. Este ambiente permite uma interação em tempo real com os outros indivíduos na medida em que todos podem “curtir” essas publicações, fazer comentários, criar fóruns de discussão ou acrescentar outras informações.

Nas entrevistas individuais foi também utilizado computadores on line para livre acesso dos sujeitos a fim de demonstrarem como acessam a internet. E, durante as análises das narrativas dos alunos, houve a oportunidade de “visitar” os perfis de alguns deles nas redes sociais. No Facebook eles postam fotos do seu cotidiano, imagens de memes (charges, vídeos e músicas que se tornam mania na rede de forma instantânea), desenhos, vídeos e links musicais de várias procedências, além de digitarem seus próprios textos. Uma das alunas entrevistadas escreve poemas, enquanto os outros escrevem mensagens curtas, criando seus diários pessoais (mini blogs ou murais) em suas páginas das redes sociais. Tudo isso permite aos amigos associados às suas páginas emitirem opiniões escritas sobre essas postagens ou usarem o chat on line para dialogar, “fofocar” ou simplesmente desabafar.

Assim, no Facebook, o jovem é livre para expressar junto a seus pares suas preferências pessoais em termos culturais (estilos musicais, textuais, estéticos, modos de se vestir etc), além de

exporem e/ou debaterem sobre seus valores, julgamentos e sentimentos. Verificou-se que esta rede social tem um importante papel como mediador no relacionamento com amigos, conhecidos e desconhecidos. Os alunos relataram que adicionam a suas páginas do Facebook pessoas do seu círculo social (vizinhança, parentes e colegas da escola), sendo a maioria da mesma faixa etária. Somente dois alunos disseram que adicionam desconhecidos, ressaltando que estes são conhecidos de seus amigos. Neste contexto, a coparticipação dos relacionamentos mais diretos desses indivíduos nesta rede social evidencia a importância desse espaço virtual, erroneamente visto como um espaço fora da realidade concreta, como mais um elemento ou canal de socialização.

A versatilidade no uso das diversas ferramentas da internet e do computador numa única rede social, bem como a interatividade que esse espaço virtual estabelece com o espaço social e cultural, sugere que o Facebook vem se constituindo como um espaço importante de construção identitária para estes jovens.

Seguido pela participação nas redes sociais, os alunos relataram que acessam sites de vídeo, de música, de humor e de fofocas. Dentre eles, o mais acessado é o YouTube e este apresenta uma interatividade semelhante ao das redes sociais. Além de assistir e baixar qualquer espécie de vídeo (clipes musicais, trailer de filmes, curta metragens, vídeos caseiros), é permitido ao usuário ter um página pessoal no qual posta seus próprios vídeos ou outros do YouTube de sua preferência. Utilizando a url (código) desses vídeos é possível postá-los com links em outras redes sociais ou blogs particulares, ampliando a rede de convergência entre as diversas mídias (computadores, tablets, smartphones etc). Nessas páginas pessoais outros usuários podem ser adicionados como seguidores e emitir opiniões em fóruns.

Em terceiro lugar, os sites de busca, como o Google também são bastante acessados no momento que o jovem busca links sobre temas de seu interesse pessoal, como aqueles de conteúdo esportivo ou de entretenimento. Poucos alunos afirmaram que “visitam” sites de conteúdo jornalístico e/ou científico.

A busca de músicas, vídeos e outros elementos na rede informacional que representam o imaginário cultural dos alunos, extrapolando os limites físicos da Rocinha, do Rio de Janeiro e até do Brasil, podem nos levar a pensar que estes alunos estão desenvolvendo atitudes de desterritorialização (Haesbaert, 2004) ou de descolamento em relação a seus espaços sociais concretos, o que poderia resultar numa perda de pertencimento (SARLO, 1997). Entretanto, nesta pesquisa observei que as redes sociais, e até mesmo outros sites da internet, tem servido para reforçar as relações interpessoais com os indivíduos mais próximos aos alunos e com o lugar onde vivem, além de participar de sua construção identitária enquanto indivíduos.

Ao participarem de comunidades temáticas nas redes sociais ou ao trocarem informações sobre seus gostos e valores pessoais com outros adolescentes que pensam ou agem de forma semelhante, estes reforçam o ponto de vista de Catani e Gilioli, quando apontam que os jovens “são capazes de produzir uma cultura autônoma, que não apenas imita o mundo adulto e as instituições tradicionais (...), mas articula estas últimas de acordo com parâmetros próprios, configurando novas formas de cultura” (CATANI; GILIOLI, 2004, p. 16).

A pressão da indústria cultural (SARLO, 1997), atuando também na web e seguindo a lógica da modernidade líquida (BAUMAN, 2007) num mundo cada vez mais globalizado, tende a transformar essas manifestações culturais em produtos, a massificar o consumo dos mesmos e a ampliar a exclusão social. O espaço informacional, por sua vez, tem como contraponto a sua própria essência: ele não se constitui apenas como uma convergência técnica das diversas mídias de comunicação e informação, mas como um verdadeiro “movimento social” (LEVY, 1999), um espaço democrático no qual o usuário é livre para acessar e produzir virtualmente o que desejar.

Assim, apesar da ação “massificante” e “excludente” da indústria cultural sobre o jovem, é importante lembrar que:

A comunicação digital, principalmente a de caráter móvel nos celulares, proporciona simultaneamente interatividade interna e deslocalização, conhecimentos e novas dúvidas. (...) A digitalização aumenta os intercâmbios de livros, músicas e espetáculos e está criando redes de conteúdos e formatos que combinam culturas diversas (CANCLINI, 2009, p. 148).

É possível notar nesta pesquisa que os intercâmbios de conteúdo digital permitem aos alunos encontrar novas resoluções, mesclando pensamentos e marcas culturais. Essas buscas são inerentes à construção identitária dos adolescentes, na medida em que “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2001, p. 24 e 25). Dessa forma, os sujeitos desta pesquisa, caracterizados como “nativos digitais”, estão participando das possibilidades de acesso a culturas juvenis autênticas, assim como atuando como agentes produtores de cultura (SPOSITO, 2010).

O terceiro e último momento das entrevistas com os alunos se deu com o uso de portfólios digitais. Estes foram produzidos pelos próprios sujeitos a partir de fotografias tiradas do percurso escola-residência ou vice-versa com seus aparelhos celulares ou câmeras digitais. A foto-elicitación (ROSE, 2007) foi a técnica empregada ao longo da entrevista. Com ela criou-se um ambiente de descontração onde as perguntas fluíam de forma natural, baseadas em eixos norteadores pré-determinados. Assim, os depoimentos dos alunos geraram narrativas espontâneas sobre o espaço vivenciado/experenciado por eles a partir das imagens, de forma que revelassem o seu próprio sentido de lugar.

A utilização da foto-elicitação, associada às outras etapas das entrevistas individuais, permitiram observar que o sentido de lugar para os jovens da Rocinha:

- é uma construção individual, corroborando com a afirmativa de Leonardo Boff (1997) de que “cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam”;
- parte de uma conotação emocional, sendo que nenhum dos entrevistados deixou de demonstrar o afeto (ou desafeto) que possuem em relação à família, residência, comunidade, escola, cidade etc em seus depoimentos;
- baseia-se em relações estabelecidas com as pessoas do círculo social mais próximo, indicando que o lugar é também sinônimo de espaço de convivência;
- não está necessariamente associado às características aparentes ou concretas do espaço físico ou dos hábitos ou valores locais, como é o caso da Rocinha, mas à forma como o indivíduo se sente em relação a esse espaço;
- constitui-se, em primeira instância, através da identificação com o seu círculo social e, em segundo, com comunidade;
- ser (identidade) e estar (no sentido do aspecto locacional) se confundem em muitas das narrativas (“é como se fosse se descrever ‘que local é você’”, segundo o depoimento de um dos alunos);
- extrapola o espaço das relações com a família e com a comunidade; a escola também é uma extensão de lugar para todos os entrevistados, assim como algumas partes da cidade das quais alguns deles se apropriam como espaço de lazer ou de convivência;
- foge dos estereótipos veiculados pelas diversas mídias e tecnologias da informação, por seu caráter subjetivo; apenas um sujeito utilizou o noticiário para reafirmar o sentimento pelo lugar em que reside, contrapondo-se à visão que moradores de outras partes da cidade preconizam sobre o que é a Rocinha.

Esta pesquisa, por fim, a partir dos dados levantados ao longo das atividades propostas e das entrevistas e da sua fundamentação teórica, possibilitou criar categorias de análises que embasassem a investigação sobre a formação identitária associadas à forma como se dá a construção do sentido de lugar e da constituição de uma cultura juvenil entre alguns jovens moradores da Rocinha. Nela foi possível concluir que as tecnologias de informação e comunicação, estabelecem, na verdade, um continuum entre o indivíduo e o lugar, não

substituindo a mediação entre os espaços físicos, sociais e culturais realizadas pelas relações interpessoais ou pelas mídias tradicionais.

Na medida em que se percebe que as TIC contribuem para ampliar o universo social e cognitivo do aluno, assim como para aprofundar sua construção identitária, cabe ao professor, nas mais diversas áreas do conhecimento, buscar formas de aprendizado que possam articular o ambiente da sala de aula com o ambiente virtual. Por entender que não há dicotomia entre os mesmos, abre-se um leque de oportunidades para que o processo ensino-aprendizagem esteja cada vez mais “conectado” com o mundo contemporâneo.

### Referencias bibliográficas

ALMEIDA, Doriedson. Tic: de uma práxis disciplinar para uma apropriação cultural. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO**, 2007, São Paulo. Anais do XVIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, Mackenzie, 2007.

ALZAMORA, Geane; ALENCAR, Renata; MELO, Tailze. **Trânsitos intermediáticos e diversidade cultural**. São Paulo: Global, 2009. (Revista Observatório Itaú Cultural, 8)

BOFF, L., **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997.

CANCLINI, Néstor G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

\_\_\_\_\_. **Diversidade e direitos na interculturalidade**. São Paulo: Global, 2009. (Revista Observatório Itaú Cultural, 8)

CATANI, Afrânio; GILIOLI, Renato. **Culturas juvenis, múltiplos olhares**. São Paulo: UNESP, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**: a era da informação. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERREIRA, Luciano. **Como uma escola ingressa no século XXI? Estudo de caso sobre o uso das tecnologias de informação e da biblioteca**. Dissertação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 65-83, 2000.

FISHERKELLER, J. Como a autoidentidade das crianças está relacionada às experiências com a mídia na vida diária? In: MAZZARELLA, S. R. (Org.) **Os jovens e a mídia: 20 questões**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2011.

JOHNSON, Steven. **Emergência**. A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares. São Paulo: Zahar, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LÉVY, Pierre. **A cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios políticos da modernidade**. São Paulo: Global, 2009. (Revista Observatório Itaú Cultural, 8)

\_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo**: Travessias Latino-Americanas da Comunicação na Cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Impactos psicológicos do uso de celulares:** uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, n. 2, p. 165-174, 2004.

RIZZINI, Irene; PEREIRA, Luciléia; ZAMORA, Maria Helena; COELHO, Ana Fernanda; WINOGRAD, Bianca; CARVALHO, Mauro. Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro. n. 11, p. 41 - 63, 2005.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies:** an introduction to interpretation of visual materials. Thousand Oaks, Califórnia: Sage, 2007.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SPOSITO, Marília. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 95-106, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: UNESP, 1983.